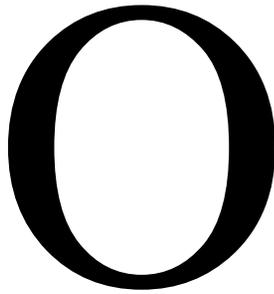


A TERRA EM SEU ESTADO MAIS PURO

Leila Kiyomura

GENESIS, DE SEBASTIÃO SALGADO, SÃO PAULO, TASCHEM, 2013, 520 P.



O fotógrafo vai atravessando o Mar Weddell. Pede que o comandante do veleiro dê duas voltas e vá se aproximando bem devagar. Quer sentir a altivez daquele *iceberg* que, há quase mil anos, habita a Península Antártica entre a Ilha Paulet e as Ilhas Shetland do Sul. “Os arcos e torres fazem lembrar um castelo escocês”, comenta. A luz perfeita, o céu denso. “Se as fotos não fossem em preto e branco, seria possível registrar o gelo quase azul...”, lamenta.

Mas é em preto e branco que Sebastião Salgado flagra os tons da natureza e as cores dos homens. Diferente dos livros e exposições anteriores, quando documentou, por quase duas décadas, os dramas e tragédias da humanidade, o fotógrafo decide mostrar uma outra realidade do planeta. Resgatar a natureza ainda intocada e o homem como no início dos tempos.

Para essa volta às origens, Salgado percorreu, ao longo de oito anos, os lugares mais inóspitos do planeta. “Viajei a pé, de barco, em bimotores ou balões, fotografando vulcões, *icebergs*, desertos e selvas”, afirma. “Vivi o privilégio de contemplar um mundo inalterado há milênios. Observei animais em seu ambiente natural. Dos pinguins, leões-marinhos, baleias do Antártico e do sul do Atlântico, aos leões, gnus e elefantes da África.”

Dessas paisagens nasceu o projeto do livro e exposição *Genesis*. “Meu foco não foi o de um jornalista, cientista ou antropólogo. Quis perseguir um sonho romântico de encontrar e partilhar um mundo primitivo mais invisível e inalcançável do que deveria ser.”

É esse mundo invisível, porém real, que o livro e a exposição *Genesis* apresentam. São 245 imagens que reverenciam uma vida desconhecida do grande público. “Meu objetivo não era o de ir aonde o homem nunca fora antes, embora a natureza selvagem seja geralmente encontrada em lugares inacessíveis. Eu queria mostrar a natureza no seu auge, independentemente do lugar onde a encontrasse.”

Salgado chama a atenção para a importância de preservar o equilíbrio do planeta. Mas, em vez de registrar os problemas ambientais com rios e mares poluídos, buscou o viés da beleza que ainda existe. “Quis captar um mundo que está desaparecendo, uma parte

da humanidade que está prestes a acabar. E que, no entanto, ainda vive, de muitas maneiras, em harmonia com a natureza.”

Com organização e curadoria de Lélia Wanick Salgado, o livro e a mostra dividem-se em cinco seções: “Sul do Planeta”, “Santuários”, “África”, “Terras do Norte”, “Amazônia e Pantanal”. Registram os diferentes ecossistemas fotografados em 32 viagens. “As paisagens, animais e pessoas vão se sobrepondo”, argumenta Lélia. “Assim, optamos por grandes capítulos, cada um deles representa uma região que abrange vários ecossistemas principais. O leitor e o espectador podem ter uma compreensão maior desse planeta desconhecido.”

A aventura em busca de um mundo virgem começou, em 2004, nas Ilhas Galápagos, província do Equador. “Nessa minha primeira história, tentei entender o que Darwin entendeu. Eu me deparei com uma enorme tartaruga. Ela estava tão curiosa por mim, quanto eu por ela. A partir daí, percebi que, para fotografar animais, seria necessário voltar às minhas próprias origens.”

O mineiro de Aimorés, 69 anos, conta que o projeto *Genesis* foi uma descoberta de sua própria natureza. “Percebi que também não sou outra coisa, senão um animal.” Com essa compreensão, Salgado foi seguindo a tartaruga-gigante deitado no chão, arrastando-se bem devagar. “Ela ficou à vontade e eu também pude fotografar com tranquilidade.”

Salgado foi do arquipélago das Malvinas até a Geórgia do Sul. Registrou albatrozes gigantes, várias espécies de pinguins, leões-marinhos e elefantes-marinhos. Navegou durante quatro dias até as Ilhas Sandwich do Sul cobertas de gelo. “Como não há praias, nos aproximamos num barco inflável Zodiack e, literalmente, saltamos para terra para encontrar grandes colônias de pinguins. Senti verdadeiramente que estava no fim do mundo.”

É esse fim do mundo que surpreende o leitor e, especialmente, o visitante da exposição, que pode ver

LEILA KIYOMURA é repórter do *Jornal da USP* e integrante da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte.



Mulheres das aldeias
de Mursi e Surma, no Parque
Nacional de Mago, na Etiópia



as imagens em grandes painéis. No primeiro capítulo, “Sul do Planeta”, está a paisagem da Antártica, o mais inóspito dos cinco continentes. “Fiquei impressionado com a visão do tamanho dos *icebergs*, das ilhas e do continente à minha frente. Sua cadeia de montanhas, com 3.500 quilômetros de comprimento e picos de 4.500 metros, estava fora do nosso alcance.”

Apesar da dimensão da paisagem, as montanhas Torres Del Paine, no extremo meridional do Campo de Gelo do Sul da Patagônia, estão muito bem enquadradas em duas páginas. É possível apreciar os monólitos de granito elevando-se das estepes e a ilha vulcânica Zavodovski. A imagem seguinte também impressiona pela concentração de milhares de pinguins-de-barbicha. E, na sequência, o voo de um bando de faigões-rola, aves comuns no Círculo Antártico, sobre o mar revolto.

Salgado registra o salto de uma baleia-franca-austral em várias imagens. “Essas baleias pesam cerca de 40 toneladas e têm 30 metros de comprimento. Por serem animais dóceis e curiosos, chegam muito perto dos barcos, daí serem capturadas facilmente. Eram 300 mil no começo do século XX e hoje são apenas três mil”, lembra. “Provocamos o fim da maior espécie da linha animal. Ao longo deste século, é provável que desapareça.”

As explicações de Salgado sobre cada imagem estão em um caderno anexado ao livro. Também, no início de cada seção de fotos, ele descreve as suas impressões e pesquisas sobre os lugares, povos, animais e natureza.

O capítulo “Santuários” documenta homens vivendo como seus ancestrais, animais raros e plantas únicas em ilhas isoladas. Uma vida que continuou sem a pressão do tempo e da sociedade. “As Ilhas Galápagos são um laboratório natural e sobreviveram porque não tiveram predadores, exceto durante os séculos XVIII e XIX, quando os marinheiros de passagem caçavam para se alimentar”, esclarece Salgado. “Hoje, as tartarugas estão protegidas, juntamente com outros animais. Toda essa vida se desenvolve ao lado de extensos campos de lava e sob vulcões ativos.”

Na Nova Guiné, ilha ao norte da Austrália, considerada um dos *habitats* mais antigos do mundo, o fotógrafo documentou o cotidiano de povos como os korowais, que utilizam ferramentas de pedra e são considerados o grupo menos aculturado da região. “Eles caçam e comem aqueles que julgam ser feiticeiros. Com exceção de um revestimento para o pênis, os homens andam nus e as mulheres vestem uma saia feita com folhas. Como a guerra entre os clãs é co-

Livros

num, o chefe vive numa casa construída no alto das árvores, a 30 metros do chão.”

A vida no deserto do Saara, que atravessa treze países e é a porta de entrada para a África, está no terceiro capítulo. “Desde minha primeira visita ao Níger, em 1973, senti uma profunda ligação com a África. Mesmo quando as missões implicavam um confronto com as crises de fome, seca ou guerra, aproveitava todas as oportunidades para regressar.” Salgado registra o brio das tribos, a vitalidade dos animais e a beleza dos desenhos das dunas. “Minhas viagens aos desertos do sudoeste da Líbia e ao sudoeste da Argélia também foram cheias de surpresas. Deparei-me com oásis assombrosos e gargantas profundas onde já correram rios. E encontramos vestígios de ocupação humana numa arte rupestre de 16 mil anos atrás.”

Muitas imagens foram flagradas nos primeiros instantes da manhã. Antes de o sol nascer, Salgado já estava a postos em um balão sobrevoando o Parque Nacional Kafue, na Zâmbia. “As noites de inverno zambiano podem ser muito frias. Ao amanhecer, a água dos lagos e dos pequenos rios, ainda aquecida pelo sol do dia anterior, evapora e condensa para formar estranhos e belos bancos de nevoeiro.”

Em uma sequência de oito páginas com imagens de diversos tamanhos, o leitor pode acompanhar o dia a dia em Botsuana. Um caçador segura com cuidado uma ave nativa do sul da África, a abetarda-de-barriga-preta. Um outro leva uma lebre nas costas. Há também homens e mulheres em transe em um ritual místico para que os xamãs os libertem das “flechas da doença”. Uma história que vai sendo contada em cada foto. “Alguns povos tradicionais têm sofrido nas mãos de comerciantes, missionários e representantes governamentais. Para permitir aos mineiros a extração de diamantes, o governo de Botsuana retirou de suas terras ancestrais os boxímanes do deserto de Kalahari”, protesta.

Pelo sonho de fotografar o norte da Etiópia, Salgado caminhou 850 quilômetros durante 55 dias. “São lugares totalmente inóspitos onde só é possível chegar a pé”, conta ele na abertura da exposição em São Paulo. “Para essa viagem nós alugamos dezoito jumentos que foram com os seus respectivos proprietários e também três ajudantes e um cozinheiro que viajou em uma mula porque não estava acostumado a andar. Depois de sete dias, eu já me deparei com tribos protegidas da civilização ocidental.”

Com essa equipe, monitorada por satélite, o fotógrafo visitou quatro diferentes grupos, documentando





Indígenas waurás pescam na Lagoa Piyulaga, na região da bacia do Xingu, no Mato Grosso



*Iceberg entre a Ilha Paulet
e as Ilhas Shetland, na Antártica*



mulheres com discos para estender os lábios, jovens com rostos pintados e homens praticando a luta de bastões. “Os povos do Vale Inferior do Omo enfeitam seus corpos não só como uma forma de arte, mas também com importantes finalidades sociais e estéticas. A pintura e a escarificação do corpo desenvolvidas por essas tribos são consideradas as mais ornamentadas e elaboradas do mundo.”

Um mundo de gelo, rodeado por centenas de quilômetros de oceano congelado, abre o quarto capítulo. As imagens dos vales e vulcões se fundem com o céu. “O ecossistema ártico entra, assim, por uma parte do Alasca, do Canadá, da Groenlândia, da Escandinávia e da Rússia”, observa Salgado. “As convulsões que marcaram a formação do planeta são lembradas por vulcões, geleiras e desfiladeiros. Apesar de tudo isso, pessoas e animais obstinados escolheram viver ali.”

O fotógrafo queria acompanhar a rotina do homem no Círculo Polar Ártico: “Demorei três anos para conseguir um contato para realizar essa viagem. Precisava encontrar um grupo de nenets, povo indígena do norte da Sibéria, que se dispusesse a me aceitar”, lembra. “Consegui encontrar um tradutor do inglês para o russo em Moscou que, por sua vez, se dispôs a falar com um guia que traduzia no dialeto nenets. Foi uma tradução em patamares.”

A viagem levou 47 dias em uma temperatura de 35 graus negativos. “Na época, eu tinha 65 anos e precisei estar muito preparado para enfrentar aquela temperatura durante doze horas por dia.” As fotos vão revelando uma realidade pautada no trabalho e na luta diária para garantir a sobrevivência. “Os nenets formam um povo de 42 mil indivíduos. Passam o inverno nos arredores de cidades, onde algumas de suas famílias vivem. Mas, a partir de meados de março, partem com suas grandes manadas de renas para a Península de Yamal, onde, no verão, os animais podem se alimentar de arbustos, ervas e líquens.”

Salgado acompanhou um grupo com cerca de 6 mil renas. “Foi uma aventura extraordinária. Enquanto algumas renas puxavam trenós carregados de comida, varas e peles para a construção de abrigos, os cães garantiam que nenhuma das renas da manada principal se dispersasse.”

A confiança no fotógrafo está nos retratos posados de crianças e mulheres. “Tudo o que uma família tem é mínimo. Junto com eles, descobri o sentido do essencial. Sobreviver e sobreviver bem. Ser feliz, amar seus filhos, amar a sua esposa, estar próximo à natureza. Não precisamos de tudo que temos.”



Um xamã e líder mentawai
(Sumatra) prepara filtro de sagu
com folhas de uma árvore



No último capítulo, o brasileiro que vive em Paris e percorre o planeta fotografando, expondo, dando aulas e participando de seminários nas principais universidades do mundo, volta para casa. Dedicou as últimas páginas do livro à Amazônia e ao Pantanal. “Visto do espaço, o Rio Amazonas e seus afluentes parecem uma gigante árvore da vida”, descreve. “De fato, a bacia do Amazonas representa vida numa miríade de formas: como pulmão do mundo, fonte de 10% de água doce do planeta, abrigo de inúmeras espécies de flora e da fauna e refúgio de muitas tribos indígenas.”

Na defesa dessa vida, Salgado protesta: “No seu entorno, no entanto, a derrubada de árvores, as grandes criações de gado, a exploração mineira e a urbanização vão corroendo as selvas. A floresta queimada e a terra devastada deixaram vastas cicatrizes naquela que já foi um ininterrupto tapete verde.”

Salgado ressalta que “a floresta amazônica é habitada há mais de 10 mil anos, embora muitas tribos tenham desaparecido no rastro dos construtores de estradas, lenhadores, missionários e doenças transmitidas pelos exploradores”. Para tentar buscar os rastros do Brasil pré-histórico, o fotógrafo contactou a tribo dos zo’és, considerados um dos últimos povos intactos na Amazônia. “Eles foram contactados em 1987 pelos evangelistas americanos da New Tribes Mission, que queria converter os indígenas à sua versão do cristianismo, mas, três anos depois, foram expulsos pela Fundação Nacional do Índio.”

Os zo’és vivem na área entre os rios Erepecuru e Cuminapanema, afluentes setentrionais do Amazonas. Pertencem ao grupo linguístico tupi-guarani e há indícios de que tenham migrado há milhares de anos. “O povo tem entre 250 e 275 pessoas. Vivem em dez pequenas aldeias que estão ligadas por numerosas trilhas. Andam nus e apresentam um ornamento de madeira atravessado no lábio inferior perfurado. Estão em uma reserva de 6.250 quilômetros quadrados protegida pela Funai.” As fotos documentam o cotidiano dos homens caçando, das mulheres cuidando dos filhos e colorindo os seus corpos com urucum. Salgado destaca a beleza das jovens zo’és e a delicadeza dos seus movimentos.

Na bacia do Alto Xingu, Salgado passou dois meses vivendo com os indígenas. Acompanhou as tribos cuicuro e uaurá no ritual do funeral *quarup*, celebrando a vida, a morte e o renascimento. O livro termina com a imponência da onça-pintada, o voo das araras-vermelhas e dos tuiuiús e o desenho do Rio Juruá, navegável ao longo de 1.800 quilômetros.